

A SINGULARIDADE DA OBRA DE JEANNE MILDE: A EXPERIÊNCIA MODERNISTA NO CEMITÉRIO DO NOSSO SENHOR DO BONFIM EM BELO HORIZONTE

Marcelina das Graças de Almeida¹

De acordo com a pesquisadora Vieira (1997), para se compreender a história do modernismo é importante relacioná-lo com as modificações e transformações vividas no início do século XX, pois é, exatamente, através dos conflitos e contradições que é possível entender como este pensamento se propaga nas sociedades do mundo ocidental, em particular.

As remodelações urbanas e as mudanças de paradigmas, como a secularização da sociedade, são marcos que devem ser considerados ao se pensar o modernismo. E é exatamente neste sentido que Vieira (1997:116) considera a inauguração da capital mineira, em 1897, como “[...] um dos momentos inaugurais do modernismo no país.”

A mudança e construção da cidade é um fato a ser considerado, pois Belo Horizonte, nasceu com o destino de ser uma metrópole moderna e o pensamento da modernidade acompanhou o processo de mutação e transformação da capital mineira, tendo sido incorporado pelos políticos e administradores, em seus discursos e ações.

Entretanto, entre o discurso e a prática, houve um hiato revelador, pois se a cidade surge sob a inspiração do moderno, na perspectiva das artes guardou, por um longo período, os traços de uma estética acadêmica e tradicional. Vieira (1997:123 e 125) afirma que:

Os anos 20, em Belo Horizonte, são ricos em contradições. O embate entre tradicionalismo e modernismo oferece um quadro complexo em sua interpretação. [...] Contraditoriamente, Belo Horizonte, cidade nova, implementa na estruturação inicial da vida artística da cidade nos anos 20 uma das mais sólidas hegemonias acadêmicas do país. O racionalismo e o pragmatismo da burguesia local, compromissada com a oligarquia mineira articulada à Política dos Governadores, favoreceram o florescimento em Belo Horizonte de uma arte harmoniosa com o status quo. Mas o sistema é dinâmico. Inicia-se em Belo Horizonte, na mesma época, o confronto entre os que controlam os postos-chave do sistema [...] os anos 20 e 30 são marcados, em Belo Horizonte, pela atuação dominante do academicismo em conflito com o modernismo emergente.

O pensamento tradicional, conservador e acadêmico foi hegemônico no universo das artes, em Belo Horizonte, entretanto o modernismo emergente aponta como um “[...] elemento de pressão [...]” (VIEIRA, 1997:125) propiciando brechas para constituição de novas formas de fazer e pensar esteticamente.

Será neste contexto que se insere a presença da artista Jeanne Milde. Jeanne Louise Milde (1900-1997) escultora belga transferiu-se para a capital mineira em 1929. Formada pela Real Academia de Belas Artes de Bruxelas, deslocou-se para o Brasil a convite do então governador do Estado de Minas Gerais, Antônio Carlos de Andrada (1891-1968) e do secretário do interior, Francisco Campos (1891-1968), para compor a Missão

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, docente na Universidade do Estado de Minas Gerais, Escola de Design, PPGD e coordenadora do curso de História da Faculdade Estácio de Sá, Unidade Prado.

Pedagógica Européia. Estava integrada por professores europeus, a exemplo da psicóloga e pedagoga, Helena Wladimirna Antipoff (1892-1974), que participariam da reforma educacional proposta. Instalando-se em Belo Horizonte, lecionou na Escola de Aperfeiçoamento, sendo responsável pelas disciplinas de modelagem e pintura. Em sala de aula demonstrava uma preocupação profunda acerca da formação de suas alunas, para além das habilidades artísticas, revelava uma consciência aguçada com seu tempo e percebia a necessidade de estimular a sensibilidade de seu público. Sua atuação na jovem capital mineira, entretanto, não se limitou a docência. A artista realizou obras significativas em vários lugares da cidade, parques, praças, jardins residências, e de modo especial no cemitério municipal. Tendo atuado de modo dinâmico e intenso no universo das artes, nas décadas de 30 e 40, na capital mineira relacionou-se com personagens tradicionais como Aníbal Mattos (1889-1969) e nomes ligados a disseminação da arte moderna em Belo Horizonte, especialmente aqueles participantes do Salão do Bar Brasil de 1936. (LAGES, 2001)

Milde destacou-se como a primeira presença feminina, artista e profissional, no universo das artes em Belo Horizonte, tendo consequentemente, aberto espaço para inserção das mulheres neste campo sensível. (LAGES, 2001) Destas relações múltiplas nasceram amizades e clientes potenciais que se inspiram no talento da artista para compor e ornamentar túmulos que fazem parte do acervo do Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim.

Este espaço fúnebre nasceu junto com a cidade que o abriga. Foi fundado no ano de 1897 e por mais de 04 décadas, precisamente até 1940, foi o único local onde deveriam ocorrer os sepultamentos na capital mineira. Nele eram enterrados representantes de todos os segmentos da sociedade brasileira e a construção e ornamentação tumular revela gostos, estilos e tendências que permeiam o imaginário da sociedade belorizontina. As obras assinadas pela escultora, naquele espaço, revelam o espírito de uma artista permeada pelos valores clássicos que, obviamente fazem parte da sua formação acadêmica, bem como a emergência do modernismo, em especial o simbolismo.

Os túmulos localizados no cemitério e que recebem a assinatura de Milde, até hoje, devidamente identificados pertencem à figuras exponenciais da emergência modernista mineira. Cabe destacar os túmulos de Achilles Vivacqua (1900-1942) e o desenhista Domingos Xavier de Andrade (1903-1940), o Monsã.

Vivacqua era formado em Direito e sob o pseudônimo de Roberto Theodoro, entrou para o mundo literário. Participou, ativamente, do movimento modernista em Minas Gerais. Escrevia poesia, ensaios, novelas, contos, crítica e contos. Foi um dos fundadores da revista Leite Criolo, que estava ligado ao movimento antropofágico paulista. Mudou-se para Belo Horizonte, na década de 20, junto com toda a família Vivacqua, na expectativa de tratar da saúde, pois havia contraído tuberculose. O Salão Vivacqua, assim ficou conhecido a residência da família, era lugar de encontros e saraus, envolvendo a intelectualidade e juventude modernista naquela ocasião. Entretanto, além do jovem escritor Achilles, outro nome de relevo é o de Dora Vivacqua (1917-1967), também conhecida como Luz Del Fuego, a bailarina, naturista e feminista brasileira que revolucionou seu tempo através de seu comportamento e questionamentos.

Por outro lado, Monsã era cartunista e programador visual, ofício conhecido, hoje, como designer, era formado em arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro e, ao transferir residência para Belo Horizonte, trabalhou na Imprensa Oficial, bem como em várias revistas da cidade. Participou da primeira

exposição de arte moderna da capital mineira, em 1936 e atuou de maneira ostensiva no panorama das artes na cidade.

Como já mencionado a artista Milde assina o projeto de decoração tumular do local de descanso eterno dos dois expoentes modernistas. São obras onde se destaca o uso da escultura em bronze, seja na composição da corbeille de rosas que ornamenta a campa do túmulo de Vivacqua ou o retrato em alto relevo que emoldura a cabeceira da sepultura de Monsã. Há, nas duas obras, a despeito dos sentidos de despedida, homenagem e reverência à memória do falecido, os indícios do pensamento modernista, na busca por uma nova linguagem estética e manifestação dos sentimentos e contradições experimentados naquela ocasião.

Sob a perspectiva de Vieira (1997, p.138) Jeanne Milde veio para Belo Horizonte para dirigir e participar das transformações educacionais que se preconizava nos idos das décadas de 20 e 30 do século passado. Entretanto com o advento das transformações que culminou no golpe de 1930, os compromissos tiveram que ser cancelados, porém a permanência da artista na capital mineira irá redundar em uma “[...] das mais significativas junto aos artistas modernos de Belo Horizonte, na formação de grupos e início do movimento modernista.”

Sob nossa perspectiva a identificação e estudo dos túmulos projetados e decorados pela artista e, especialmente, por serem dedicados a personalidades importantes do contexto modernista à época, é uma significativa da relevância destes laços intelectuais, para além dos afetos e amizades.



1940, Jeanne Milde, Túmulo do artista Monsã (Domingos Xavier de Andrade), alto relevo em bronze, aplicado sobre granito, c. 1.50 cm x 1.40 cm. Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim, Belo Horizonte.



1940, Jeanne Milde, Túmulo do artista Monsã (Domingos Xavier de Andrade), alto relevo em bronze, aplicado sobre granito, c. 1.50 cm x 1.40 cm. Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim, Belo Horizonte (Detalhe)

Referências Bibliográficas

BUENO, Antônio Sérgio. **O modernismo em Belo Horizonte: década de vinte**. Belo Horizonte: PROED/Imprensa UFMG, 1982.

RODRIGUES, Rita Lages. Possibilidades de Análise Bibliográfica na História: Jeanne Louise Milde e Luiz Olivieri. In.: **II Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social** (2008: Juiz de Fora, MG). Micro História e os caminhos da História Social: Anais / II Colóquio do LAHES; Carla Maria Carvalho de Almeida, Mônica Ribeiro de Oliveira, Sônia Maria de Souza, Cássio Fernandes, organizadores. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008. Disponível em: < <http://www.lahes.ufjf.br> > Data de acesso: 27 de julho de 2011.

_____. **Entre Bruxelas e Belo Horizonte – Itinerários da Escultora Jeanne Louise Milde**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

_____. **Eu sonhava viajar sem saber aonde ia... Entre Bruxelas e Belo Horizonte: itinerários da escultora Jeanne Louise Milde de 1900 a 1997**. 2001. 175 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001. Disponível em: <www.cipedya.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=149368> Data de acesso: 27 de julho de 2011.

VIEIRA, Ivone Luzia. Emergência do Modernismo. In.: SILVA, Fernando Pedro da e RIBEIRO, Marília Andrés. (org.) **Um Século de História das Artes Plásticas em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: C/ARTE, 1997.

_____. **Jeanne Milde e Zina Aita: 90 anos**. Belo Horizonte, Prefeitura Municipal, 1990.

_____. Mlle. Jeanne Milde e os primórdios do modernismo em Minas. In.: **14º Salão Nacional de Arte Prefeitura de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 10 dez., 1982 a 28 fev. 1983.